

# EDITORIAL

Em seu último número dedicado ao acompanhamento dos debates e atividades da pesquisa PRONEM (FAPESB/CNPq) “*Laboratório Urbano: experiências metodológicas para a compreensão da complexidade da cidade contemporânea*”, esta edição nº 14 da revista **Redobra**, preparada para ser lançada na ocasião do CORPOCIDADE 4, desdobra questões já anunciadas no número anterior e, em particular, as articulações entre narração, memória e história como possibilidades de tensionar experiências metodológicas de apreensão da cidade.

Para nos ajudar a pensar este número, tivemos a participação, como editor associado, do historiador Washington Luis Lima Drummond, membro do grupo de pesquisa Laboratório Urbano e coordenador de atividades da pesquisa PRONEM, que nos propôs abordar, como fio condutor do número, a obra de Walter Benjamin, procurando algumas brechas na enorme produção editorial sobre o ensaísta alemão. Nesse sentido, optamos por publicar textos que investigassem o trabalho teórico de pensadores do ciclo de amizades de Benjamin ou de autores que exploram um campo analítico próximo ao nosso autor, além de nossos próprios esforços em atualizar algumas ideias benjaminianas. Buscamos, também, contemplar práticas estéticas como a fotografia, o cinema, a poesia e o desenho, sobre as quais Benjamin devotou grande parte dos seus *insights* sobre os modernos e sobre a modernidade urbana.

Para introduzir este tema a partir dos campos da filosofia e da literatura, a **Redobra nº 14** traz uma **ENTREVISTA** com uma das mais importantes pesquisadoras da obra de Walter Benjamin no Brasil, a professora de filosofia da PUC-SP e de teoria literária da Unicamp, Jeanne Marie Gagnebin, que respondeu as perguntas elaboradas sobre temas variados, como experiência, narração, história, memória, infância e cidades, propostas por Fabiana Dultra Britto e Paola Berenshtein Jacques, a partir das reflexões da pesquisadora já publicadas sobretudo no livro de referência: *História e narração em Walter Benjamin*.

A seção **ENSAIOS**, que já no título traz uma questão tão cara à Walter Benjamin – o “ensaio como forma”, como escreveu Adorno –, abrange contribuições vindas de diferentes campos e que usam diferentes formas ensaísticas (desenhos, textos, fotografias). *Anotações sobre a Paris de Benjamin*, desenhos de Washington Drummond, faz alusão às anotações manuscritas feitas por Benjamin nos diferentes cadernos que sobreviveram à guerra demonstrando sua singular forma de trabalho, que opera a partir de referências e citações bem distintas. As anotações, constelações de diferentes ideias, em forma de desenhos de Drummond se referem ao texto fundamental de Benjamin para os estudos sobre cidades: *Paris, capital do século XIX*. No texto *História e dilaceramento*, Vera Casa Nova e Alexandre Rodrigues da Costa abordam as relações entre o pensamento de Benjamin e o de Georges Batail-

le, adentrando uma lacuna de alguns pesquisadores brasileiros que ainda ignoram as profícuas relações estabelecidas no seio do mítico Colégio de Sociologia. Benjamin e Bataille, que viveram a experiência das duas guerras, sob os signos do tempo e da ruína, evocam a história como dilaceramento. Em *Benjamin e Kracauer: algumas passagens*, Danielle Corpas e Carlos Leal, traçam os caminhos cruzados desses dois importantes e pioneiros pesquisadores das manifestações da cultura urbana sob o impacto da produção de mercadorias em massa. Kracauer e Benjamin surgem, no artigo, elaborando seus temas e pesquisas em diálogo permanente e, sobretudo, muito próximos quanto à compreensão da produção teórica como combate ao conformismo. No texto *Lobosimem na cidade: exceção soberana e demissão subjetiva*, Fernando Ferraz refaz o caminho da melancolia na modernidade benjaminiana entre a acedia e a depressão contemporânea. Trazendo o famoso conceito de estado de exceção, explorado por Agamben como *leitmotiv* contemporâneo, busca, ao lado da leitura benjaminiana da psicanalista Maria Rita Kehl, aproximar política e subjetividade. *Teses sobre Walter Benjamin*, do poeta Raimar Rastelly, cita o pensamento benjaminiano na mais sutil das formas: a escrita. As frases curtas, o humor, a agudeza barroca estão espalhadas no minimalismo, e a paródia modernista se volta sobre o seu mais instigante intérprete. Para fechar esta seção de ensaios com imagens, em *Rastros do flâneur*, fotografias de Paola Berenstein Jacques, procuramos abarcar esse universo no qual Benjamin nos legou o importante e instigante ensaio: *A pequena história da fotografia*. As imagens atuais das passagens parisienses e de seu *flâneur* espectral – como as mercadorias que lhe cercam ou mesmo a própria arquitetura das passagens – cedem uma nebulosa visual ao ensaio benjaminiano ao tempo em que acionam as fantasmagorias provocadas pelo contrapelo da escrita e do visual: como a técnica fotográfica evoca esses rastros da modernidade, tão bem retratada por Benjamin, que ainda habitam nosso imaginário?

A seção **EXPERIÊNCIAS** traz, em seu primeiro bloco, o resultado de um exercício de apreensão de Salvador, desenvolvido por parte dos integrantes da pesquisa PRONEM, como um processo de montagem de micronarrativas da experiência urbana soteropolitana até meados do século XX. Livremente inspirados no texto de Walter Benjamin – *Paris, capital do século XIX* – buscamos compreender a montagem literária do texto benjaminiano e, a partir desta leitura engendrar diferentes temporalidades históricas: as memórias de juventude do professor Pasqualino Romano Magnavita foram articuladas à pesquisa histórica, teórica e/ou documental feita por cada um dos dez autores, integrantes da pesquisa PRONEM, sobre os fatos narrados em entrevistas com o professor emérito, mas também a partir de reflexões críticas sobre o momento presente da cidade. Fabiana Dultra Britto nos apresenta o processo desse exercício experimental proposto dentro da pesquisa e, *Salvador, cidade do século XX: a partir das memórias de Pasqualino Romano Magnavita* – elaborado por Paola Berenstein Jacques, Washington Luis Lima Drummond, Felipe Caldas Batista, Milene Migliano, Osnildo Adão Wan-Dall Junior, Gustavo Chaves de França, Maria Isabel Costa Menezes da Rocha, Amine Portugal Barbuda,

Breno Silva e Lutero Pröscholdt Almeida, que também inclui um caderno de imagens montado por Amine Portugal Barbuda atualizando desenhos de época de Pasqualino Romano Magnavita – conjunto que constitui um resultado transitório do profícuo exercício realizado pelo grupo. O segundo bloco da seção, traz quatro artigos que apresentam uma tese de doutorado e três dissertações de mestrado defendidas por egressos do Laboratório Urbano ou integrantes da pesquisa PRONEM, respectivamente: *O artefato cenográfico na invenção do cotidiano espetacularizado*, de Eliezer Rolim; *Dança e intervenção urbana: a contribuição do regime dos editais para a espetacularização da arte e da cidade contemporânea* de Tiago Nogueira Ribeiro; *Quando o pornô vai à cidade* de João Soares Pena; e *Narrativas urbanas literárias como apreensão e produção da cidade contemporânea: uma leitura do guia de ruas e mistérios da Bahia de todos os santos*, de Osnildo Adão Wan-Dall Junior.

A seção **DEBATES** se inicia com um texto da pesquisadora entrevistada, Jeanne Marie Gagnebin, a partir de sua fala na 27ª Bienal de São Paulo. *Como viver junto? Uma comunidade de estrangeiros* parte de um texto clássico de Georg Simmel, professor de Walter Benjamin, para nos colocar questões que ainda reverberam na cidade contemporânea como: a nostalgia comunitária, o distanciamento do “homem *blasé*”, o “lugar” da alteridade e o papel dos estrangeiros, dos nômades e demais errantes ou desviantes nas cidades. Benjamin retoma estas questões sobre a modernidade abordadas inicialmente por Simmel, tendo nas cidades seu principal “laboratório” de estudos da modernidade. Neste momento de modernização urbana também surge o cinema e é exatamente esta relação entre cinema e cidade que José Francisco Serafim busca desenvolver em *A cidade no cinema documental dos anos 1920*. Aprofundando a questão do cinema e, em particular, a questão da montagem a partir de imagens, em *Horizonte distante: Warburg, Glauber e a fabricação da história dos afetos*, Ana Lígia Leite Aguiar, traz as formulações sobre uma historiografia imagética (ou historiografia das imagens) desenvolvidas por Benjamin e Warburg sob o impacto tanto das fotografias quanto do cinema. *A iconologia do intervalo e as imagens dialéticas* são duas possibilidades de investigar o tempo moderno da historiografia, desafiadas pelo imaginário das imagens reprodutíveis, desafio tomado como programa pelo cineasta Glauber Rocha.

Encerrando esta edição, na seção **RESENHA**, o filósofo Rodrigo Araújo nos traz a resenha do livro *Imagens de pensamento – Sobre o haxixe e outras drogas*, de Walter Benjamin. O texto avança uma análise da obra, generosamente excedendo à simples resenha em direção a um estudo das concepções textuais benjaminianas.

Desejamos a todos que o nosso aprendizado prazeroso na elaboração deste número, sobretudo ao buscar atualizar o trabalho de Walter Benjamin, também se estenda em sua leitura.

Fabiana Dultra Britto,  
Paola Berenstein Jacques e  
Washington Luis Lima Drummond